



INTERLOCUÇÃO DISCURSIVA E TERRITORIALIZAÇÃO NO CIBERESPAÇO: RESISTÊNCIA E DESLIZAMENTO DE SENTIDOS

Gerencie Ribeiro de Oliveira Cortes¹

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, tomamos o espaço virtual como objeto discursivo, como espaço de disputas territoriais, uma territorialização discursiva. Analisamos o processo de interlocução discursiva virtual – instituído em 2012, durante o movimento grevista de professores do ensino básico, vinculados à Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC) – como um gesto de apropriação do território virtual.

METODOLOGIA

O *corpus* se compõe de recortes de comentários efetuados acerca de notícias, reportagens, *posts* e matérias jornalísticas, divulgados em vários sites e blogs, sobre a greve de professores do ensino básico – vinculados à SEC - Bahia. O estudo ancora-se, teoricamente, nos aportes da Análise do Discurso fundada por Pêcheux (1969, 1975), além de estudos do campo da comunicação e das ciências sociais. Além dos pilares básicos da AD de filiação pêcheuxtiana, mobilizamos também, para esta análise, as noções de **interlocução discursiva** e **territorialização discursiva**, teorizada por Indursky ([1992] 2013), e designa um processo que se desdobra em dois níveis: a interlocução enunciativa e a interlocução discursiva, sendo esta representada pelo sujeito do discurso, que mobiliza a cena discursiva; já a cena enunciativa é representada pelos locutores, de forma intersubjetiva, na cena enunciativa. Esses dois níveis de interlocução funcionam de forma simultânea e articulada, de forma que a interlocução discursiva depende da enunciativa.

¹ Doutora em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE (2015); mestre em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin. Endereço eletrônico: cortesgr@gmail.com



A territorialização discursiva, conforme o estudo de Cortes (2015), diz respeito às relações de poder e embates no espaço discursivo, a exemplo do que ocorre no ciberespaço, que, tecnicamente, é desterritorializado no espaço/tempo (LEVY, 1999), mas também é territorializado discursivamente, posto que a territorialização funciona, paradoxalmente, de forma extraterritorial: Com Foucault, “defendemos que há mecanismos de controle, de exclusão e de interdição (FOUCAULT, [1970]2012), um jogo de forças, uma territorialização discursiva que funciona no espaço virtual, sendo este constituído de sujeitos sociais e discursivos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ano de 2012 foi marcado por diversos movimentos grevistas em todo o país, entre diversas categorias de trabalhadores, inclusive de profissionais do ensino superior, como também da educação básica (MARTINS, 2013). Nesse contexto, destacamos a greve de docentes da educação básica da rede estadual (SEC) - Bahia, deflagrada em 20 de julho de 2012 e que durou **115 dias**. Trata-se de um importante movimento social de educadores ocorrido no estado, como declara Oliveira (2012):

A greve dos professores do estado na Bahia pode ser considerada um movimento social dentro do contexto global na medida em que se recusa a acatar as medidas impostas pelo governo que segue a orientação da política capitalista internacional, sob o falso manto da gestão de governo democrático, lançando mão de recursos do estado de exceção. O governo da Bahia tem a seu favor o judiciário, que declarou a greve ilegal ainda no seu segundo dia! (OLIVEIRA, 2012, p. 2).

Assim, a greve mencionada foi um acontecimento educacional histórico. Frequentemente, em situações de greve, a mídia jornalística - impressa, televisiva e virtual - é utilizada para veicular discursos que representam apenas a voz do poder, do patrão. No entanto, os movimentos sociais também têm se apropriado do ciberespaço para fazer ecoar as vozes que são caladas na grande mídia, como declara Mittmann: “Diante do poder capitalista, na grande mídia, o discurso dos movimentos sociais aparece como discurso outro, como discurso contra, agregado a um discurso primeiro: o do *establishment*” (MITTMANN, 2009, p. 2). Dessa forma, os grevistas mencionados se apropriaram do ciberespaço para terem vez e voz, por meio da interlocução discursiva



instaurada, conforme os recortes de sequências discursivas (SDs) apresentadas, a seguir. Primeiramente, veremos um recorte de comentários de uma matéria sobre a greve citada, intitulada “**De quem é a culpa?**”, publicada no dia 21/05/2012, no site Polícia e Política².

Recorte I - Sequências Discursivas (SDs) 1 a 3 - Comentários do Post: “De quem é a culpa da greve dos professores do estado da Bahia?”

SD1 A. P. maio 21, 2012 - CLARO QUE A CULPA É DO GOVERNO; SE EXISTE UMA VERBA REPASSADA PARA ESSE FIM, LEIS FORAM FEITAS PARA SEREM CUMPRIDAS, NÃO HÁ PORQUE ESSE IMPASSE; OS DEMAIS SETORES TEM CULPA PARCIAL EM CONSEQUÊNCIA DESSE NÃO CUMPRIMENTO DE ACORDO E DA FALTA DE CUMPRIMENTO

SD2 J. L. maio 22, 2012 - PFV professores eu quero aula! quero concluir o ensino medio e prestar vestibular...Identifiquem de quem é a culpa e resolvam...ESTOU IMPLORANDO! 😞

SD3 L. maio 26, 2012 - É culpa é de Jacques Wagner, que aprovou uma lei que fere a Lei do piso para se esquivar de pagar os 22,22%.

Em situações de greve, a mídia, no afã de defender os interesses do poder vigente, busca imputar a culpa pelos prejuízos inerentes à paralisação temporária dos serviços prestados, aos trabalhadores grevistas. No entanto, a seção de comentários concede ao sujeito leitor a possibilidade de expressar posicionamentos que podem se identificar ou não com as posições-sujeito inscritas no discurso em pauta. É o que vemos nas **SDs 1 e 3** (reproduzidas acima), nas quais o sujeito leitor e professor tem a oportunidade de se manifestar e registrar seus comentários, instaurando, assim, a cena enunciativa e, ao mesmo tempo, mobilizando a cena discursiva, ao se inscrever como sujeito do discurso e construir sentidos.

Assim, nas SDs 1 e 3, a cena enunciativa, embora virtual, envolve circunstâncias concretas e reais, é constituída por sujeitos que enunciam do duplo lugar social de professor e de grevista; na SD2, o interlocutor fala do lugar social de aluno. A cena discursiva – mobilizada simultaneamente pela cena enunciativa – constitui-se de lugares discursivos e faz emergir a interlocução discursiva, realizada por sujeitos discursivos.

Segundo Grigoletto (2005), lugar discursivo e lugar social se constituem mutuamente, são interdependentes e são instituídos tanto pela prática social como pela prática discursiva. Assim, na cena discursiva, o sujeito do discurso dos comentários (SDs 1, 2 e 3) ocupa o lugar discursivo (LD) de autor e, a partir deste LD, ocupam distintas

² Disponível em: <http://www.policiaepolitica.com.br/destaques/de-quem-e-a-culpa-da-greve>. Acesso em 12/04/2013.



posições-sujeito, a saber: nas SDs 1 e 3, temos uma posição-sujeito que se identifica com a formação discursiva (FD) favorável à greve docente, enquanto que, na SD2 temos uma posição-sujeito que não se identifica com esta FD docente. Ou seja, o sujeito do discurso, afetado pelos saberes da FD do poder vigente e da grande mídia, se inscreve na FD contrária à greve, pedindo o retorno das aulas, porém, demonstrando indiferença para com a luta dos trabalhadores docentes.

Os sujeitos docentes ocupam, portanto, o ciberespaço para desconstruir os efeitos de sentidos do já dito – a exemplo da culpa que é frequentemente imputada aos trabalhadores da educação pelos supostos prejuízos da greve – e produzir outros sentidos, como a constatação da intransigência do governo no que tange ao respeito pelos direitos trabalhistas da categoria, como vimos na SD3, por exemplo: “L. maio 26, 2012 – É culpa é de Jacques Wagner, que aprovou uma lei que fere a Lei do piso para se esquivar de pagar os 22,22%.” A territorialização do espaço virtual se instaura, portanto, quando o sujeito grevista faz uso desse espaço (a seção de comentários do site) para desconstruir sentidos que a mídia e o poder vigente buscaram sedimentar, a exemplo do que vemos **na Sequência Discursiva 4 (SD4):**

Recorte II - SD4

“Governador Jaques Wagner critica duramente movimento grevista dos professores e promete endurecer com a categoria. Pais e mães devem denunciar professores por abandono de atividade pública”³

Jornal Grande Bahia | Carlos Augusto | Publicado em 05/06/2012

O Governador Jaques Wagner afirmou, nesta terça-feira (05/06/2012) que a decisão de manter a greve dos professores da rede pública estadual é “inexplicável” e que foi recebida com “tristeza, decepção e indignação”. **E se mostra abismado com a falta de compromisso com o trabalho por parte da categoria.** Lembrando que **a atitude prejudica, principalmente, os filhos dos mais pobres.** [...] É hora de pais e mães de alunos que estão sem aula, identificarem os professores que não estão trabalhando, e prestarem queixa nas delegacias de polícia e no Ministério Público Estadual por abandono de serviço por parte destes professores. Uma vez que a greve foi decretada ilegal pela Justiça.” (*Grifo nosso*)

Ao estimular os pais dos alunos a “**prestarem queixa nas delegacias de polícia e no Ministério Público Estadual por abandono de serviço por parte destes professores**”, o professor é tratado como um “bandido” qualquer, simplesmente por exercer o direito



de greve. Entretanto, os professores continuaram resistindo, apesar das arbitrariedades cometidas pelo governo, como a contratação de empresa (sem licitação) para ministrar os “Aulões” para os alunos do 3º ano do ensino médio⁴, um discurso que produz efeitos de sentidos de “cuidado”, “zelo” para com a situação dos alunos e com a educação oferecida a eles. Todavia, tais efeitos de sentidos são confrontados e desconstruídos pelo discurso dos docentes grevistas, que rompe as evidências de sentidos e mostra a outra face da situação, constituída de vergonha, hipocrisia, desrespeito e descaso para com a educação e arbitrariedades impostas pelo poder vigente, instituindo-se, dessa maneira, uma desidentificação com a FD governista.



Figura 1 – Print do Post “De quem é a culpa afinal?”⁵

CONCLUSÕES

A mídia virtual busca naturalizar as evidências dos sentidos, com vistas à dominação e ao controle, mas o ciberespaço pode também se tornar um aliado para a luta contra o poder opressor, por meio do processo de territorialização, que consiste na apropriação

4 Conforme divulgado na mídia e denunciado pela APLB – Associação dos Professores Licenciados do Estado da Bahia.

5 Disponível em: <http://www.policiaepolitica.com.br/destaques/de-quem-e-a-culpa-da-greve>. Acesso em 12/04/2013.



da internet para materializar posicionamentos de resistência ao discurso dominante, a exemplo do que ocorreu no movimento grevista de professores estaduais da Bahia, ocorrido em 2012.

Palavras-chave: Ciberespaço. Greve. Interlocução discursiva. Territorialização.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, 279 p.

CORTES, G. R. O. **Do lugar discursivo ao efeito-leitor**: a movimentação do sujeito no discurso em blogs de divulgação científica. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, [1970], 2012, 75 p.

GRIGOLETTO, E. O discurso nos Ambientes virtuais de aprendizagem: entre a interação e a interlocução. In: GRIGOLETTO, E., DE NARDI, F. S., SCHONS, C. R. (Orgs.). **Discursos em rede**: práticas (re) produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Ed. Universitária – UFPE, 2011, p. 47-78.

INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas-SP, Ed. Da Unicamp, 2ª ed., 2013.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTINS, Fernando M. Greve, movimento social, processo educativo e luta. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 147, ano XIII, agosto de 2013, p. 129-136.

MITTMANN, S. A apropriação do ciberespaço pelos movimentos sociais. **Anais do III Encontro Nacional sobre Hipertexto**. Belo Horizonte, UFMG, p. 1-10. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais/a/a-apropriacao-do-ciberespaco.pdf>. Acesso em 10/07/2013.

OLIVEIRA, E. G. A greve dos professores estaduais na Bahia. Um impasse jurídico, político e social. Ou alguém pensou que seria fácil? In: **O Olho da história**, nº 18. Salvador (BA),



julho de 2012. Disponível em: <http://oolhodahistoria.org/n18/artigos/elida.pdf>. Acesso em 07/03/2013.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 2009.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso: (AAD-69). In: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas-SP:Ed. da Unicamp, [1969]2010.